

João Lobo Antunes

No Xº Aniversário do Instituto de Medicina Molecular

Quando reflecti um pouco sobre o que deveria dizer-vos neste dia, a interrogação imediata que me surgiu foi sobre o que significam afinal dez anos de vida para uma casa de ciência como esta. Recordei-me então como os meus dez anos foram marcados pela compra (com dinheiro ciosamente poupado) do meu primeiro relógio – americano por sinal!

O relógio era o primeiro símbolo de entrada na vida a sério, aquela em que o tempo conta. Mal sabia eu como uma hora de então vale hoje bem menos que um segundo.

Dez anos não dá para esquecer como nasceu e cresceu, nem um filho, nem uma instituição como a nossa, e certamente me perdoarão que trate o IMM com igual desvelo. Também não levem a mal que vos diga que o IMM nasceu bem, fundamentalmente por duas razões. Primeiro, porque nasceu no interior da Faculdade de Medicina de Lisboa e foi o produto de uma rigorosa selecção eugénica – a junção dos centros de investigação que avaliações externas tinham classificado como muito bom ou excelente. É bom recordar quais foram: Biologia Celular/Molecular, Microbiologia, Gastroenterologia, Imunologia, Nutrição e Neurociências. Ficaram por isso inscritas no seu genoma duas características que fizeram toda a diferença no seu desenvolvimento: a exigência inflexível da excelência do trabalho científico e, naturalmente, dos seus investigadores, e a avaliação rigorosa e independente do seu mérito. Não acertámos sempre, mas errámos muito pouco na escolha daqueles que, sucessivamente se foram juntando a nós – e agora são quase quinhentos.

Em segundo lugar porque, por conselho amigo não cometemos o erro de estabelecer um fosso que nos isolasse da instituição de ensino de que emanámos – a Faculdade de Medicina – mas, deliberadamente, avançámos discretamente, pé-ante-pé, sem o alarido do sucesso que outros preferem. E assim a Faculdade foi a pouco e pouco dando por nós. Cito muitas vezes um professor distinto da minha outra alma-mater que dizia “só quando atingirmos a excelência naquilo que fazemos, temos alguma coisa digna de ser ensinado”. Também nós, só quando a ciência que, por tradição chamamos básica, atingiu o ponto crítico de qualidade, quando nos tornámos competitivos na arena da ciência biomédica nacional, e agora internacional, só então entendemos ser próprio abrir as portas aos que estão mais próximos das nossas enfermarias que dos nossos laboratórios. Um dos maiores triunfos do IMM como colmeia do saber é vermos aqui cada vez mais estetoscópios (e entendo estes como a metáfora da clínica). De facto, se pensarmos bem, os cientistas da vida e clínicos que dela cuidam interrogam afinal mistérios semelhantes.

Também não cometemos o erro de impor outras regras que não a de deverem os nossos cientistas actuar com total independência na escolha dos tópicos da sua investigação, e essa independência foi ainda recentemente reforçada com a dissolução dos grupos temáticos que os enfeixavam, deixando a cada um a liberdade de estabelecer pontes ou parcerias com quem entendessem.

Todos gozam aqui de uma autonomia responsável e esclarecida, de que são, necessariamente, os primeiros autores e os últimos juízes. Têm por isso de cumprir o seu presente e competir no seu futuro com total liberdade.

Assim cresceu o IMM depois de ter sofrido na infância, naturalmente, os males que tocam aqueles que teimam em se erguer sozinhos e dar os primeiros passos sem ajuda. Também as minhas filhas, pouco tempo depois de aprenderem a falar, me diziam impacientes: “Let me do it by myself”. O receio que inspirávamos em alguns responsáveis era da excessiva independência do poder burocrático que exerciam, que sempre abafa a diferença e não tolera a imaginação.

Tão valioso como o sucesso no financiamento ou o reconhecimento pela publicação – alguém disse que a “ciência não existe até ser publicada” – foi a criação de uma filosofia e de uma cultura próprias, ou para usar um termo com ressonância mística, a formação de uma alma. Não seria verdadeiro se ignorasse que nem sempre o convívio entre cientistas é livre de tensões, e nem sempre se calou a voz do interesse próprio, e que uma instituição como esta não está imune às fraquezas humanas de quem, todos os dias, a constrói ou renova. Mas a verdade é que o espírito que lhe dá o sopro de vida é o da solidariedade, da entreatajuda, da colaboração franca, que animam um optimismo prudente e medido. Por isso temos cavalgado a crise sem ter caído da montada.

Um outro acontecimento que não posso deixar de referir, sobretudo pelas virtualidades que contem e que não foram, a meu ver, ainda exploradas com a devida amplitude, é a integração do IMM do Centro Académico de Medicina de Lisboa. O IMM tem dado prova do seu total empenhamento, porque reconhece, as vantagens desta união, mesmo sendo deste tripé o elemento mais delgado, embora não o mais frágil.

O Hospital de Santa Maria e o seu parceiro no Centro Hospitalar é um admirável laboratório onde a investigação deve servir aqueles que nos procuram. O fundamental em ciência é fazer a pergunta certa, e a clínica porque é Ciência e Arte, não é diferente. Não podemos esquecer que com os instrumentos certos, a natureza dará sempre a resposta correcta a uma pergunta correctamente formulada. E isso que aqui temos: as mãos da inteligência a rebuscar o que se oculta, tantas vezes, debaixo dos nossos olhos.

Uma última palavra. Terei talvez falado como se fosse eu próprio um investigador do IMM – não sou. Mas o meu entusiasmo nasce de reconhecer que foi cumprido um sonho que, há mais de dez anos, considerámos ser possível. A realização desse sonho foi o triunfo de uma argumentação racional, livre de preconceitos, ou da mesquinha nostalgia de glórias passadas. O sonho cumpriu-se pela convicção de que valia a pena. “Pour bien” foi divisa de um dos grandes reis que tivemos, e devia ser a legenda de qualquer instituição que serve a sociedade dos homens. O exemplo do IMM foi para mim, devo dizê-lo, muito importante no empenhamento com que me envolvi, modestamente, na fundação da nova Universidade de Lisboa. Andei então pelas escolas que tinham algo a ver com as ciências da vida. Em todas ouvi mencionada importância da colaboração com o IMM. As virtualidades desta nova Universidade de Lisboa são inimagináveis. A clarividência de quem votou por unanimidade esta união, iluminou também a escolha do seu primeiro Reitor.

Ao fim de dez anos, é tempo de me afastar, orgulhoso por ter estado presente na criação desta maravilhosa instituição. É sempre necessário que o projecto se liberte de quem o imaginou, e a sequência está garantida e será tranquila. Às mulheres e homens, às raparigas e aos rapazes que aqui trabalham, devo dez anos em que realizei uma outra dimensão de felicidade como académico e como homem que fez ciência noutra tempo e noutra terra. Por meu lado, apenas lhes paguei com um pouco da sabedoria que fui colhendo ao longo dos anos com a avidez de quem foi sempre e continua a sê-lo, um bom aluno. Destes cientistas e de todos os que trabalham aqui recebi em troca o consolo que as almas bem formadas vão buscar ao sucesso dos outros. Mais não me é preciso.

Bem hajam